



Universidade de Brasília - UnB

Faculdade de Educação - FE

Léia Martins Silveira

Reflexões pedagógicas sobre a educação integral no Distrito Federal

Brasília – DF

2011



Universidade de Brasília - UnB

Faculdade de Educação - FE

Léia Martins Silveira

Reflexões pedagógicas sobre a educação integral no Distrito Federal

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Orientador(a): Prof^a Dr.^a Sônia Marise Salles Carvalho.

Brasília – DF

2011

Léia Martins Silveira

Reflexões pedagógicas sobre a educação integral no Distrito Federal

Trabalho Final de Curso apresentado como
requisito para obtenção do título de Licenciado
em Pedagogia, à Comissão Examinadora da
Faculdade de Educação da Universidade de
Brasília.

Comissão Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Sônia Marise Salles Carvalho (orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. José Luiz Villar Mella

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. José Zuchiwschi

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília – DF

2011

DEDICATÓRIA

A Deus por suas bênçãos concedidas e por seu amor sem medida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conduzir os passos.

À minha mãe, pelo amor incondicional e por nunca duvidar de minha capacidade.

Ao meu pai, por valorizar a importância dos estudos.

À minha irmã Lóide, por seu exemplo e persistência.

Ao Bruno, meu esposo, pelo amor dedicado e verdadeiro, pela paciência e apoio diário; pela certeza de que estará ao meu lado em todas as circunstâncias.

Às minhas sobrinhas Liz e Laís, pela alegria e simplicidade.

Aos meus amigos verdadeiros e colegas de universidade, pelos momentos de alegria e experiências compartilhadas.

À professora Dr. Sônia Marise, pelas diversas orientações e compromisso com o trabalho educativo.

À escola em que realizei minha prática pedagógica, pelas oportunidades e vivências.

Aos alunos que convivi diariamente, pelas lições de vida e confiança.

“Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele.”

(Paulo Freire)

RESUMO

A Educação Integral têm sido muito debatida e analisada no cenário educativo, escolar, político e social brasileiro. A prática pedagógica desta educação xpor vezes têm se distanciado do proposto teórico. Com isso muitas realidades educativas integrais complexas se apresentam. Sabendo da existência de diferentes entendimentos e experiências, este trabalho propõe a reflexão sobre os aspectos e fatores que permeiam a educação integral no Distrito Federal, sua compreensão e realização. Baseando-se, para isto, em diálogos teóricos, na legislação brasileira e na prática que remete às experiências pedagógicas da autora, em sua atuação como monitora de uma escola pública do Distrito Federal.

Palavras-chave: Educação Integral. Escola Integral. Escola Pública de Tempo Integral. Tempo Integral. Distrito Federal. Educação.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
PARTE I	
MEMORIAL	
Minha caminhada vivencial, educativa e profissional.....	9
PARTE II	
REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO INTEGRAL	
CAPÍTULO 1	
1. REFLEXÃO SOBRE EDUCAÇÃO INTEGRAL NO BRASIL.....	16
1.1 Os diversos olhares no entendimento da educação integral	17
1.2 A Educação Integral segundo a legislação nacional e distrital	24
CAPÍTULO 2	
2. A PRÁTICA PEDAGÓGICA ESCOLAR.....	29
2.1 Apresentando a escola	29
2.2 Experiência pedagógica como monitora.....	31
CAPÍTULO 3	
3. A EDUCAÇÃO INTEGRAL NA ESCOLA.....	45
3.1 A Educação integral na teoria : O Projeto Politico Pedagógico da escola	45
3.2 A Educação integral na prática	47
3.3 Propostas de melhoria à prática da educação integral da escola.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	54
PARTE III	
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	
Caminhos futuros	56

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso está organizado em três partes. A primeira relata minha história de vida, os momentos da minha trajetória educativa, profissional e vivencial, até chegar aos dias atuais.

A segunda parte reflete sobre a educação integral no Brasil, segundo a legislação e os olhares no seu entendimento, dividindo-se em três capítulos. O primeiro refere-se a um diálogo teórico, cuja proposta é versar sobre pensamentos, parâmetros e ideais de educação integral, abordando juntamente a legislação que versa sobre o tema. O segundo capítulo traz informações sobre a prática pedagógica desta autora, apresentando ainda a organização do respectivo espaço educativo. O terceiro capítulo descreve a educação integral na escola vivenciada, na teoria e na prática, respectivamente segundo o projeto político pedagógico e o cotidiano escolar da educação integral; finalizando o capítulo com propostas de melhoria ao processo educativo.

As minhas perspectivas profissionais são descritas na terceira parte, nelas eu exponho objetivos e desejos à vida futura, minhas expectativas como educadora e ainda, como pretendo seguir nesta trajetória de realizações.

MEMORIAL

Minha caminha vivencial, educativa e profissional

Era uma vez uma menina muito sapeca, que tinha a missão de contar sua história, só havia um problema: ela deveria perder seu medo de abrir o coração e de remoer situações passadas, porque desencadearia emoções imprevisíveis. Essa menina, como todas as outras na infância, já sonhava com a futura profissão. Mas as surpresas do caminho mudam o destino final.

Falar de si mesma é uma tarefa complicada, ainda mais se for para pessoas as quais você não conhece. Para que um memorial? O que vou escrever? Foi essa a pergunta que me intrigou durante dias. Na verdade, até agora, tem sido uma ótima experiência; pois, em nenhum momento, havia parado para refletir sobre minha trajetória educativa, sobre os fatos e emoções que me tornaram quem sou hoje.

Então, vou me apresentar: eu sou Léia Martins Silveira, filha de Olívia e Sebastião, irmã da Lóide, tia da Liz e da Laís e esposa do Bruno. Minha característica mais marcante é a indecisão (do meu ponto de vista!), pois, até hoje algumas questões ainda são duvidosas, a profissão mesmo é uma delas! Eu nasci no Distrito Federal, mas na verdade sempre quis ser mineira, por causa da família do meu avô materno. Ele foi uma pessoa muito especial e, apesar de ter muito tempo, me lembro claramente do seu jeito e dos seus conselhos. Os pais de minha mãe foram pessoas excepcionais e me ensinaram muito com suas ações. Com minha avó (materna) – Madalena – aprendi que a paciência supera grandes obstáculos e que a esperança deve ser uma chama constante, mesmo nas maiores dificuldades. Quando me perco nesta corrida vivencial, paro e olho os cabelos brancos da minha avó e percebo que o tempo a tornou uma pessoa feliz. Meu avô (materno) infelizmente já faleceu, mas guardo com carinho todos os nossos bons momentos.

Minha família sempre teve condições de pagar pelos estudos, logo, desde a alfabetização, estudei em escolas particulares. Mas a cobrança em relação às notas era ferrenha. Meu primeiro colégio foi o CENEC – Centro Cenecista Dom João Bosco - lá, comecei a observar o trabalho dos professores e passei a admirá-los, então, com sete anos eu já havia escolhido minha profissão: seria professora! Era uma atuação admirável e despertava minha curiosidade. Pude descobrir nesse colégio uma das minhas paixões: a leitura, que era muito incentivada, tanto pelos professores, quanto por minha mãe. As situações mais divertidas eram os dias que eu podia ir ao serviço da minha mãe, tinha uma livraria e eu

amava ir até lá, passava horas escolhendo o livro do dia e a revista de historinha que minha mãe compraria para mim.

Depois de estudar no CNEC, fui para o CEDECAP (Centro Educacional Eduardo Carlos Pereira), que hoje já não existe mais. Ali me apaixonei pelo desenho geométrico e pela matemática, pelo mundo dos números e operações matemáticas. Lembro-me até hoje de um professor japonês, seu nome era Ytiro, era um excelente professor de matemática e geometria, ele cobrava dedicação e atenção de seus alunos e nos fazia observar as propriedades práticas dos números. Assim, ao longo da vida, fui me tornando uma pessoa multi-apaixonada, nunca me foquei em apenas um gosto, pois tudo tem seu lado apaixonante. É linda a forma como o ser humano se reproduz na genética, é linda a forma de resolver uma situação prática usando a matemática e escrever uma carta observando o quanto é bom saber gramática e poesia. Então, vamos continuar minha saga acadêmica e deixar os devaneios de lado. O CEDECAP me trouxe uma questão de independência, sendo a época na qual comecei a sair sozinha e aprender a escolher amigos e lugares. Tudo bem ter apenas onze anos na ocasião, mas estava crescendo. O fato que demonstrava isso era que eu tinha passado de ano, agora estava na 5ª série, fazia parte da elite, no entanto não mudava o fato de ser uma caloura do ensino fundamental.

Até hoje não esqueço um fato muito marcante nessa escola. Houve um concurso na minha sala, no qual seria eleita a menina mais feia e a mais bonita, adivinha quem se classificou para o clube das feias? Eu! Eu podia não ser grande coisa, poxa vida...mas a terceira mais feia da sala? Aquilo foi o fim para mim, me desestimulou totalmente. Hoje em dia seria classificado como bullying, mas na época não era uma questão muito divulgada. A partir dali decidi me preocupar só com os estudos e em quem eu seria na vida, dependeria só da minha capacidade de persistir e estudar!

Daquele ano em diante me tornei “cdf” (cabeça de ferro), ou seja, comecei a ter mais apetite pelos livros e por todo o conhecimento prazeroso, sabia que as pessoas se aproximavam de mim apenas por trabalhos ou pelo interesse em ter uma boa nota final, porque nos trabalhos me dedicava muito e só tirava notas excelentes. Por inocência, ou por comodismo, preferi continuar com a farsa de ser rodeada não por amigos e sim por pessoas interesseiras!

Saí do CEDECAP na sétima série e fui para o colégio Objetivo. Lá, posso dizer, foram anos estranhos e ao mesmo tempo marcantes. Entrei no Objetivo como um peixe fora d'água, primeiro por não conhecer ninguém e segundo por conviver com adolescentes soberbos e prepotentes, que se achavam ricos e melhores que os outros. Naquele local começou a sina de:

“você tem que passar na UnB”, aquele ele era o lema da escola. Como já gostava de estudar não foi tão difícil seguir o ritmo, o complicado era dominar todos os conteúdos. Com o passar dos meses fui me enturmando; no final, todos nos tornamos uma família. Os anos marcantes iniciariam com minha ida para o primeiro ano do ensino médio!

No Objetivo, desde o início do ano letivo, as pessoas já questionavam o que “queriam ser”, ou seja, a escolha do curso e da futura profissão, exigida na última etapa do PAS (Programa de Avaliação Seriada da UnB). Esse não era o meu objetivo prioritário, queria sim estudar, mas queria aproveitar aquela fase de se tornar madura e buscar a liberdade. No meio do ano conheci a Carla, que hoje é uma das minhas melhores amigas e, a partir daí, meu ensino médio se tornou mais emocionante e divertido. Digamos que eu não deixava de ser uma boa aluna, mas também não deixava de aprontar um pouco (coisa pequena é claro, até porque eu era medrosa e certinha). Como a escola era em frente ao Taguatinga Shopping, ali passou a ser nosso local de fuga e divertimento, no qual deixávamos de pensar um pouco na pressão de ter que passar na UnB. Íamos ao cinema quase toda semana, lanchávamos, fugíamos ou saíamos mais cedo da escola, sem prejudicar nossos estudos e sem fazer arruaça. Porém, a Carla, com aquele espírito de liberdade, não se conformava com a frieza dos professores e nem com a cobrança de passarmos na universidade pública. Para a maioria dos docentes a conclusão era: “se você estudasse no Objetivo, automaticamente era um aluno da UnB”. Indiretamente aquela também foi se tornando minha meta. Assim, comecei com os cursinhos para o PAS e com as monitorias no período vespertino. Sai-me bem na primeira etapa do PAS, apenas não sabia o que escolher. Passei para o segundo ano, na rotina de casa-escola-curso-casa, era assim o meu dia a dia, porém isto estava me desgastando; pensava “como lutar tanto por algo que ainda nem defini?”. A situação chave no segundo ano foi o fato de eu ter começado o curso no Colégio Ideal de Ensino, pois ali, eu perceberia outra forma de aprender! Quando entrei no pré-PAS do Colégio Ideal, que na época ainda não era muito grande e nem muito conhecido, fui percebendo que as escolhas poderiam ser divertidas e que os professores poderiam, sim, ser nossos amigos. Lá eu não faltava um só dia, não deixava de tirar nenhuma dúvida e não deixava de sorrir também. Finalmente chegou o final do ano e a segunda etapa do PAS nos esperava; não me preocupei com minha nota e nem me cobrei tanto, deixei as coisas acontecerem, eu passaria de uma forma ou de outra.

Chegou fevereiro, já havia decidido, não continuaria mais no Objetivo, as pessoas falavam que eu era louca e precipitada, pois no último ano mudar de escola era uma ação muito arriscada, mas já estava decidido, eu iria para o Colégio Ideal. Não me arrependo um só segundo, pois foi um local que me ajudou a ser quem sou hoje. Quando fui para o Ideal

também não conhecia ninguém, mas foi muito mais fácil lidar com a situação, já estava bem mais à vontade. Eu ficava no colégio até oito horas da noite, nem via a hora passar; além de estudar nas monitorias vespertinas, eu comecei a fazer parte do time feminino de futebol; consegui conciliar a rotina de estudos, monitorias, cursinho e treinos, era divertido aprender com os mesmos professores que no final do dia jogavam bola conosco. Eu e minha turma, para nos despedirmos do último ano do ensino médio, fomos para São Paulo, em um intercâmbio de escolas; a viagem foi inesquecível, só havia espaço para jogos, saídas, brincadeiras, churrasco, gente nova, paqueras e... o resto eu deixo em segredo.

Meu professor de redação no Ideal, Daniel, percebia que com a proximidade do final do ano, eu estava ficando agoniada e desesperada com a escolha do curso, ainda não tinha certeza de um fato que renderia quatro ou cinco anos da minha vida. No final das contas, a orientação dele foi a de escolher pedagogia, o motivo? A garantia de que a nota para passar era baixa e a certeza que eu tinha chance para entrar na UnB. Por estar tão perdida e por não ter condições de meus pais bancarem uma faculdade particular, essa foi minha meta.

Em 04 de Janeiro de 2006, às 18:00h, adivinha o que aconteceu....

0301250	Leandro de Andrade Martins	2576957	DF	Engenharia Civil
0336960	Leandro de Castro Oliveira	2377331	DF	Agronomia
0317936	Leia Martins Silveira	13118	DF	Pedagogia
0334869	Leidyane Miranda Santana	2583373	DF	Pedagogia - Noturno

O meu nome estava entre os aprovados, eu, mesmo tendo estudado tanto, ainda não acreditava, afinal, agora eu seria uma aluna da UnB, a tão famosa UnB, e no fundo não queria admitir, mas estava orgulhosa pela conquista. Levei um baque, na hora que a diretora do meu colégio ligou, e de tão nervosa, desliguei o telefone na cara dela, que depois retornou confirmando o fato! Agora é isso, daqui em diante será sobre minha vida acadêmica na UnB...

Lá estava a desconhecida UnB, um universo a ser descoberto, minha vida universitária estava começando e eu poderia descobrir se todas aquelas histórias sobre a UnB eram verdade. As bebedeiras, a vida desregrada, os professores carrascos, os alunos drogados, a estrutura, os trotes e etc. Os primeiros dias foram divertidos, os trotes do curso de pedagogia eram “educativos”, não eram tão depreciativos e degradantes como dos outros cursos; a proposta era o entrosamento e divertimento dos calouros (como eram chamados os novos alunos!). Logo que cheguei à UnB consegui me enturmar, pois quatro colegas, que estudaram comigo no Ideal estavam no mesmo curso que eu. As matérias iniciais eram complicadas, os professores nos pediam resumo, resenha, ensaio e uma imensidão de tipos textuais que nunca havia conhecido. O fato de não haver muitas provas me assustou profundamente, pois a maioria da nossa avaliação era baseada em apresentação de seminários. O currículo do curso ,

no entanto, era um tanto quanto confuso; as matérias obrigatórias não eram oferecidas em horários compatíveis, logicamente eu deveria passar o dia na UnB. Inicialmente era divertido, mas chegou um tempo que se tornou cansativo, quatro horas dentro de ônibus não era brincadeira!

Os primeiros semestres foram passando, sem que eu nem notasse a minha identificação com o curso aumentava, ora me pegava apaixonada por educação infantil, ora por educação à distancia e assim sucessivamente. Entendi que pedagogia era baseada em lecionar das séries iniciais até o quinto ano, porém percebi que a profissão de pedagogo oferecia um leque de oportunidades, havia a pedagogia hospitalar, os recursos humanos, a educação infantil, a educação à distancia, a educação do campo, entre outros.

Ficou bem característico, ao longo dos semestres, como o profissional pedagogo é discriminado, por vezes é visto como babá e não como um indivíduo com valores e responsabilidades. E assim, por me deparar com tantas escolhas e oportunidades, desenvolvi os projetos em diversas áreas, mas em comum tinham o fato de abordar a importância da pedagogia nas relações sociais e no desenvolvimento do indivíduo. A primeira fase do meu projeto três se relacionou ao multiculturalismo e construtivismo, no qual se estudou profundamente as teorias de Vygotsky e suas implicações na educação. A segunda fase do projeto três teve como tema a educação à distância e, seguindo os critérios do professor, houve a produção de blogues informativos e educativos sobre assuntos de cunho social. Este projeto, a meu ver, foi uma decepção, pois eu criara muitas expectativas e elas não se concretizaram. A última fase do projeto três teve como tema: “a importância do lúdico”, na qual aprendi muito sobre a importância do brincar na aprendizagem.

Você que lê pode estar se perguntando “como um projeto pode ser tão diferente um do outro?” A resposta é : ou eu sou indecisa, ou eu queria saber todas as possibilidades do curso, afirmo que meu caso é o segundo. Considero-me tão curiosa e ansiosa, que se não tivesse conhecido todos esses temas, talvez fosse frustrada por perder a chance. Bom, assim foram as fases do meu projeto três, uma completamente diferente da outra, mas que logo na frente teria sentido.

Chegando ao momento dos estágios supervisionados (também denominados de projeto quatro), conheci a professora Sônia, a orientadora desta minha monografia, que ofertava um projeto objetivando as relações sociais nos diversos meios; como em uma fase anterior eu já havia trabalhado com blogues, minha proposta na primeira fase do projeto quatro foi observar o uso desta ferramenta nos meios sociais. Desenvolvi um projeto na qual o aluno construiria blogues com assuntos de seu interesse e divulgaria reportagens e atualizações de cunho social.

Os temas foram os mais diversos possíveis, teve sobre marketing, saúde, higiene, educação nas escolas públicas e por aí vai. A primeira fase do projeto quatro me proporcionou a chance de lecionar sobre diversos assuntos com pessoas de diferentes idades e conhecimentos. Já minha segunda e última fase do projeto quatro foi bem diferente e se baseou numa outra etapa da minha vida, que vou compartilhar a seguir...

No sexto semestre do curso, passei por um estresse familiar muito grande e ainda estava desmotivada. Com 20 anos, desempregada, morando na casa dos meus pais e com problemas graves de saúde na minha família decidi trancar o semestre para pensar no que fazer. Na verdade, eu estava esgotada com aquele ritmo frenético e com tão poucas conquistas, afinal, dedicava-me muito, mas não via retorno! Então só tinha uma saída pra dar uma reviravolta: estudar para concurso... e foi o que fiz. Já estudava há uns dois anos, mas não com afinco, porém aquele era o momento de conquistar algo. Estudei os seis meses sem parar, de seis a oito horas diárias na biblioteca, todo esse esforço valeria à pena, tinha que valer! A recompensa veio logo depois...

Augusto Rezende Peixoto, 77.00, 102 / 10102283, Leandro Correa Guimaraes,
 , Leandro da Silva Moura, 63.00, 705 / 10029850, Leandro Santos da Costa,
 3, **Leia Martins Silveira**, 78.00, 84 / 10070551, Leidilaura Pimentel Lopes,
 ,eliane de Araujo Eleuterio, 60.00, 909 / 10001907, Leonardo de Araujo

Lá estava meu nome, na lista dos aprovados na Secretaria de Educação, passei para o cargo de monitor e aí, a partir dali, todos os projetos da UnB fariam sentido em algum momento! Tomei posse em janeiro de 2010 e comecei a trabalhar em fevereiro. A escola era uma instituição que ofertava o ensino integral e a educação inclusiva, estes, eram os seus pilares. No início, éramos eu e outra monitora, nosso atendimento destinava-se a dois alunos para cada uma, um no período matutino e outro no vespertino. No começo estava maravilhoso, pois perdi medos e preconceitos, lidando diariamente com crianças com alguma necessidade especial, no entanto, a situação começou a mudar. Eu havia retornado à UnB naquele mesmo semestre, a Maria (nome fictício da outra monitora) havia sido transferida de escola, por determinação do Ministério Público. Assim, a rotina começou a mudar...em vez de dois alunos, eu assumi oito por semana, os meus e os que eram da Maria, um em cada horário e classes diferentes. Foi aí que pude concretizar todos os meus projetos, trabalhando com inclusão digital e social, dificuldades de aprendizagem, jogos em sala de aula, dança, literatura, esporte... ou seja, com tudo aquilo que efetivasse um melhor aprendizado dos alunos que eu acompanhava e monitorava. Por não ser reconhecida e por me cobrar demais fui adoecendo psicologicamente e fisicamente, passei a exigir muito de mim.

A demanda era muito grande para uma pessoa soe comecei a ficar infeliz no meu local de trabalho, meus alunos passavam por dificuldades financeiras e carências familiares e eu não conseguia suprir tudo! Aos meus olhos, meu trabalho não estava trazendo resultados para eles! Assim, acabei tendo um estresse emocional, uma inflamação no pulso e uma tendinite aguda. Resumindo, não estava feliz, estava mais esgotada do que satisfeita, passei os dez meses seguintes com essa rotina na escola e ainda estudando à noite na UnB.

Eu percebia que não mudava a situação, tentava ficar motivada e não conseguia. Então cheguei a uma decisão: iria pedir exoneração do meu cargo! O trabalho não fazia sentido se eu não estivesse feliz. Desiludi-me com o trabalho da escola e com o pouco caso por parte da direção e de alguns professores, eu fazia minha parte mas não iria alcançar sozinha! Percebia que a escola e os alunos tinham um grande potencial , havia espaço, tempo, condições físicas e financeiras, participação dos pais e motivação dos alunos, mas nada disso importava à direção pedagógica. Havia princípios no projeto político pedagógico da escola, porém pouco se aplicava à realidade. A piscina era pouco usada, o ginásio estava mal conservado e a educação integral se destina apenas algumas crianças.

Assim, foram essas experiências que inspiraram meu último projeto quatro. Mas não pense que tais fatos enriqueceram somente a minha vida acadêmica, também me transformaram em um ser humano melhor, menos superficial, mais amoroso e compreensivo.

Hoje, não vou negar que sinto falta dos meus alunos, mas priorizei minha saúde. Em dezembro de 2010 pedi exoneração e na mesma semana fui nomeada em outro concurso. Atualmente sou servidora da Secretária de Saúde do Distrito Federal e estou feliz com minhas atividades e funções. E ai, você que lê este memorial deve se perguntar: “será que ela ainda voltará para a área de educação? ” Eu te diria que a resposta está na parte três deste trabalho.

Desta maneira, esta monografia se tornou minha válvula de escape, um meio para extravasar meus questionamentos!

1. REFLEXÃO SOBRE EDUCAÇÃO INTEGRAL NO BRASIL

Por ter participado ativamente de uma escola pública integral e de tempo integral, tornou-se instigante a reflexão sobre este tema. Por questões de ética e preservação da imagem e integridade, o nome da escola não será citado, apenas a realidade vivenciada pela autora deste trabalho.

Ao se pensar em educação é necessário frisar que ela acomete um todo, ou seja, influencia e transforma o universo da pessoa, aquilo que compõe a sua individualidade e o seu meio. Dissociar o homem do seu ambiente e da sua vivência é não contemplá-lo em suas possibilidades. Este embate também é vivenciado no processo educativo, na realidade escolar e na educação integral.

Assim, o primeiro capítulo explorará conceituações, perspectivas e idéias para compreender o que é educação integral, para que desta forma se possa refletir sobre o seu significado e sua importância no cenário atual. Pois ao se observar e verificar um determinado contexto pedagógico escolar diferenciado é necessário ampliar a discussão e analisar a congruência entre preceitos e prática.

O ponto de partida desta reflexão será baseado no diálogo dos diferentes pensamentos e proposições que descrevem, influenciam e conceituam a educação integral, observando quatro importantes variáveis: tempo, proteção, organizações sociais e o desenvolvimento integral do sujeito.

Logo, a primeira proposição, e coerentemente mais difundida, compreenderá a idéia de educação integral associada a tempo escolar, abrangendo a qualidade das horas dedicadas às atividades educativas e do currículo escolar multidimensional, que desenvolvem integralmente crianças e adolescentes. Baseando-se, para isso, nas idéias e experiência de Anísio Teixeira. A segunda enfatizará a compreensão baseada no princípio da proteção, isto é, da educação que, ao atuar, promove o amparo e resguardo à criança e adolescente e assim se torna integral.

Uma terceira conceituação, e não menos importante, decorre da influência de ações e experiências sociais; da atuação de organizações (ONGs, comunidade, entidades) perante o tempo e às atividades curriculares; considerando-as iniciativas componentes do contraturno escolar, que interagem em maior ou menor grau com a instituição. E a última estabelece a consonância e coerência entre as anteriores, discutindo a educação integral na perspectiva de desenvolvimento dos sujeitos, da ação que atinge aspectos psicomotores, cognitivos e afetivos

e que conseqüentemente desencadeiam um processo de desenvolvimento nas capacidades e habilidades físicas, intelectuais e sociais do indivíduo. E, apesar da ênfase em uma ou outra, compreende o homem como ser completo e único, que necessita progredir plenamente, de forma que a educação permaneça articulada com seu desenvolvimento e que todas as suas dimensões humanas sejam trabalhadas e respeitadas.

1.1 Os diversos olhares no entendimento da educação integral

O debate sobre educação integral esteve presente em diversos momentos políticos, históricos e educacionais no Brasil; estudiosos e educadores questionaram e ainda questionam sua concepção e realização em dias passados e atuais. No país, o discurso foi enfatizado principalmente na primeira metade do século XX e não cessou mais.

O Movimento Integralista, na década de 30, questionava a integração ou a partir de pressupostos político – conservadores (espiritualidade, nacionalismo cívico e disciplina) ou político-emancipadores (igualdade, autonomia e liberdade humana). Já na década de 50, um fato marcante foi a construção e implementação do Centro Educacional Carneiro Ribeiro, por Anísio Teixeira, no qual se estabeleceram valores à escola de tempo integral.

Em 1960, em Brasília, o presidente Juscelino Kubitschek convocou renomados educadores - Teixeira, Darcy Ribeiro, Cyro dos Anjos e outros - para elaboração de um sistema educacional na capital. Já na década de 80, por Darcy Ribeiro, houve a constituição dos Centros Integrados de Educação Pública – CIEPs; implementados no Rio de Janeiro, no governo de Leonel Brizola.

Com isso, estes e outros acontecimentos influenciaram a história educacional brasileira, a legislação, a formulação de políticas públicas e as ideologias vigentes; que muitas vezes formam-se a partir de diferentes experiências, estudos e pressupostos. Tais diferenciações enriquecem a dinâmica da educação e a tornam um campo propício para mudanças e diálogos.

Ligia Coelho (2009), em seu ensaio intitulado de História(s) da Educação Integral, argumenta que o entendimento sobre este tema varia conforme as diferentes visões de mundo e de homem, ou seja, “quando falamos em educação integral temos todos uma mesma representação ou existem correntes político-filosóficas diferentes, que a chamam para si?”. De certa forma, as visões influenciam a questão prática; observar os aspectos que permeiam esta prática é um passo para entender os seus pilares, aquilo que a sustenta e mantém uma ideologia.

A citada autora enfatiza ainda que a educação integral nada mais é que:

(...) uma perspectiva que não hierarquiza experiências, saberes, conhecimentos. Ao contrário, coloca-os como complementares e fundados radicalmente no social: 'o espírito não é considerado através do ponto de vista puramente intelectual, formal ou de conteúdo, mas sim em relação com as suas condições sociais' (...) (p.86).

Ou seja, considerar o contexto do indivíduo é imprescindível, suas experiências sociais e seu meio cultural. Pois a educação, assim entendida, valoriza momentos sociais, culturais e históricos que diversificam e caracterizam um ambiente; visando o homem que vivencia, pensa, age e se socializa. Não descartando de si suas emoções, informações, intelecto, percepções, conteúdos, seu físico e seu espaço.

No Brasil, na história de formação do pensamento educativo

(...)coexistiam movimentos, tendências e correntes políticas dos mais variados matizes, discutindo educação; mais precisamente defendendo a educação integral, mas com propostas político-sociais e teórico-metodológicas diversas. Desse grupo mesclado faziam parte, por exemplo, (...) os liberais, como Anísio Teixeira, que defendia e implantou instituições públicas escolares, entre as décadas de 30 e 50, em que essa concepção de educação foi praticada. (COELHO, 2009, p.88)

Dessa forma, com a diversidade, criaram-se outros patamares para a educação integral. Supondo-se, então, que não existiu e não existirá conceito universal neste debate, pois, como espaço complexo e diversificado, a educação amplia proposições.

Como um dia propôs Anísio Teixeira, ao defender que a educação integral autêntica é aquela na qual há tempo e espaço para sua efetivação. Ou seja, quando é possível para uma instituição escolar desenvolver o ensino em horário integral.

No Brasil, podemos dizer que foi com Anísio Teixeira, na década de 50, que se iniciaram as primeiras tentativas efetivas de implantação de um sistema público de escolas com a finalidade de promover uma jornada escolar em tempo integral, consubstanciada em uma formação completa. (COELHO, 2009, p.90)

Anísio (1959), ao questionar a educação da época, propunha uma revisão nos moldes educacionais e na maneira de se realizar a prática pedagógica da escola primária (que hoje se refere às séries iniciais do ensino fundamental). Sendo assim, para este educador, seu desejo era

(...) dar, de novo, à escola primária, o seu dia letivo completo. Desejamos dar-lhe os seus cinco anos de curso. E desejamos dar-lhe seu programa completo de leitura,

aritmética e escrita, e mais ciências físicas e sociais, e mais artes industriais, desenho, música, dança e educação física. Além disso, desejamos que a escola eduque, forme hábitos, forme atitudes, cultive aspirações, prepare, realmente, a criança para a sua civilização – esta civilização tão difícil por ser uma civilização técnica e industrial e ainda mais difícil e complexa por estar em mutação permanente. E, além disso, desejamos que a escola dê saúde e alimento à criança, visto não ser possível educá-la no grau de desnutrição e abandono em que vive.

Tudo isso soa como algo de estapafúrdio e de visionário. Na realidade, estapafúrdios e visionários são os que julgam que se pode hoje formar uma nação pelo modo por que estamos destruindo a nossa. (TEIXEIRA, 1959)

Pode-se perceber a alusão que autor propunha entre educação integral e tempo escolar estendido. De forma que, para a primeira acontecer efetivamente, necessitaria do segundo item. Sendo também que o dia letivo completo se referiria ao momento propício para realizações de atividades significativas ao educando, no intuito de ir além do pedagógico e do currículo tradicional.

Em sua trajetória, como secretário da educação na Bahia, Anísio foi incumbido de organizar o sistema educacional vigente, que passava por sérias dificuldades estruturantes.

Mas havia tanto a reconstruir que as dificuldades políticas e financeiras o levaram a um plano prioritário: a criação de um centro educação popular em nível primário que funcionaria em tempo integral e como centro de demonstração para a instalação de outros semelhantes, no futuro, por toda a cidade de Salvador”. (EBOLI, 1969, p.11)

Assim, fruto do seu idealismo, nasceu o Centro Educacional Carneiro Ribeiro – CECR, um exemplo de complexo educacional, uma experiência de educação integral idealizada por Anísio, que colocaria em prática todos os seus valores. No qual ressaltaria o processo educativo e o educando em sua inteireza.

Teixeira, nesta visão de educação integral, dispôs uma escola que funcionasse em dois turnos. O CECR compreendia uma estrutura de Escola-classe em conjunto com uma Escola-Parque, ou seja, a primeira abrangeria o ensino de ciências e letras e a segunda priorizaria a socialização, atividades recreativas, artísticas, teatrais; logo, o educando faria um turno na Escola-Classe e o outro na Escola-Parque, tendo um dia completo em ambiente educativo com acesso a um ensino de qualidade. Esta escola possuía como objetivos gerais:

- a) dar aos alunos a oportunidade de maior integração na comunidade escolar, ao realizar atividades que os levam à comunicação com todos os colegas ou com a maioria deles;
- b) torná-los conscientes de seus direitos e deveres, preparando-os para atuar como simples cidadãos ou líderes, mas sempre como agentes do progresso social e econômico;

c) desenvolver nos alunos a autonomia, a iniciativa, a responsabilidade, a cooperação, a honestidade, o respeito a si mesmo e aos outros. (EBOLI, 1969, p.20)

Logo, o modelo proposto, nos relatos em questão, coloca a educação integral como sendo a que acontece na escola de horário integral. A idéia, assim, era desenvolver inteiramente o educando, ou seja, visando não apenas o acréscimo de informações para sua formação acadêmica, mas, além disso, observando sua realidade social e suprimindo suas necessidades físicas e nutricionais; preparando-o para a sociedade, para o trabalho e para aquilo que o mundo exigirá dele, tudo isso em um ambiente escolar.

Em outras palavras:

(...)do processo educativo que considera o educando na inteireza da sua individualidade, desenvolvendo-lhe todos os aspectos da personalidade e procurando afirmar nele os valores maiores da pessoa humana, como a liberdade com responsabilidade, o pensamento crítico, o senso das artes, a disposição da convivência solidária, o espírito aberto a novas idéias, a capacidade de trabalhar produtivamente. (EBOLI, 1969, p.6)

A influência de Teixeira, no campo educativo, impulsionou a outros. Como Darcy Ribeiro, educador que implementou os CIEPs – Centro Integrado de Educação Pública, isto é, instituições públicas construídas no Rio de Janeiro, nas décadas de 80 e 90 e que, assim como o CECR, também funcionavam em regime integral.

Portanto, através da ampliação da jornada escolar acarretaria-se em um aumento das oportunidades, na busca de condições para o desenvolvimento da aprendizagem e na utilização significativa e produtiva do tempo. Por que

Só faz sentido pensar na ampliação da jornada escolar, ou seja, na implantação de escolas de tempo integral, se considerarmos uma concepção de educação integral com a perspectiva de que o horário expandido represente uma ampliação de oportunidades e situações que promovam aprendizagens significativas e emancipadoras. (GONÇALVES, 2006, p.4)

A questão não é apenas ampliar e sim tornar as horas de ensino qualitativas, com objetivos e metas a serem trabalhadas e alcançadas, na formação de cidadãos conscientes. Se o aumento da permanência em ambiente escolar visar apenas o cumprimento de imposições legais não há sentido em realizá-lo. Como sintetiza Gonçalves (2006):

Não se trata apenas de um simples aumento do que já é ofertado, e sim de um aumento quantitativo e qualitativo. Quantitativo porque considera um número maior de horas, em que os espaços e as atividades propiciadas têm intencionalmente caráter educativo. E qualitativo porque essas horas, não apenas as suplementares, mas todo o período escolar, são uma oportunidade em que os conteúdos propostos, possam ser ressignificados, revestidos de caráter exploratório, vivencial e protagonizados por todos os envolvidos na relação de ensino-aprendizagem. (p.5)

A compreensão de educação integral não é restrita e baseada apenas nesta relação, de educação e tempo escolar; outros panoramas e aspectos podem ser vislumbrados na dinâmica de educação e proteção. Sendo que, esta última, focaliza, entre outros, o direito do acesso à escola e à educação de qualidade pela criança e adolescente, ou seja, um privilégio que o público infanto-juvenil pode gozar, sem restrição de grupos sociais.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (2006) – ECA – já previa a questão da proteção integral, dispondo no art. 3º que:

a criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Conseqüentemente, por meio da educação integral, é possível garantir esta proteção. Pois ela é uma educação plena e formadora, que desenvolve e qualifica. A integralidade, então, aqui é atendida quando toda a esfera biopsicossocial do indivíduo é valorizada e preservada.

Além de ser realizada por meio desta vertente educacional, a proteção integral também é viabilizada pelo acesso que as instituições educacionais oferecem e promovem aos grupos mais populares e carentes, como demonstrou a experiência de Teixeira na Bahia, com a construção do CECR.

Guará (2009) mesmo retoma isso, ao afirmar que em debates sobre a carência por instituições de período integral, a justificativa mais usada é a situação de pobreza e exclusão que leva grupos de crianças à situação de risco. A educação em tempo integral surge, então, como alternativa de equidade e de proteção para os grupos mais desfavorecidos da população infanto-juvenil.

Outro quesito, o qual deve ser considerado, é quanto ao papel das instituições escolares na ação de proteção. Elas existem idealmente para educar, em todos os sentidos possíveis; mas, ao receber os grupos mais desfavorecidos, pode iniciar-se um processo de caridade/favor e não de desenvolvimento social. Logo, é preciso ter em mente que as atividades escolares destinam-se a objetivar o caráter educativo do processo de ensino/aprendizagem e não a subestimar as possibilidades ofertadas.

Destarte, a escola, no exercício da educação integral, passa a ser uma instituição que também cuida, protege e oferece oportunidades. Pois, em outros meios sociais, muitas vezes,

a criança e o adolescente permanecem excluídos. Mas vale ressaltar que, embora ocorra a exclusão, outras entidades e organismos sociais também desempenham este papel com louvor.

Se há necessidade de exercer a proteção integral, por parte de instituições sociais e escolares, é perceptível que há omissão e descaso (por parte de dirigentes e ações governamentais) em relação aos recursos financeiros, à boa gestão política, ao planejamento estratégico, ao atendimento de demandas e à criação de políticas públicas específicas; o que, pode gerar em tese uma atmosfera de desamparo. Assim, “no processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade da criação e o acesso às fontes de cultura” (ECA,2006, artigo 58).

Educação, direito e desenvolvimento social são vertentes que necessitam caminhar lado a lado, na integralidade que não se restringe à jornada escolar e nem tão pouco se realiza apenas por meio da inserção e proteção. As instituições e organizações sociais precisam tornar o saber intelectual e social acessível, uma constante fonte de transformação e consciência.

Caracterizar a atuação de organizações sociais como parte do processo de educação integral é uma consideração não igualitária entre os autores. Se de um lado entendem a educação integral como aquela que sincroniza as atividades escolares às sociais e valorizam o que acontece dentro e fora da escola; do outro lado, compreende-se que as organizações sociais, ao interferir na ação pedagógica, modificam e descaracterizam a papel da instituição escolar e o planejamento pedagógico, pois restringem e diminuem a função e a responsabilidade da escola perante a prática do ensino.

Nesse sentido, vemos, hoje em dia, projetos de educação integral em jornada ampliada, cuja dimensão maior está centrada na extensão do tempo fora da escola, em atividades organizadas por parceiros que vão desde voluntários a instituições privadas, clubes, ONGs. Muitas vezes, as atividades desenvolvidas são desconhecidas dos professores, ocasionando práticas que não se relacionam com as práticas educativas que ocorrem no cotidiano escolar, uma vez que não constam do planejamento docente. (COELHO, 2009, p.94)

É certo que, ações sociais desenvolvidas sem consonância com escola, sem planejamento e sem cunho socioeducativo, fragmentam e deterioram objetivos de formação e desenvolvimento do aluno. Porque assim, pode haver um déficit e uma lacuna entre as organizações sociais e a escola, se a primeira não buscar sintonia com a segunda. O trabalho educativo permanecerá destoante, a instituição escolar se tornará mera transmissora de conteúdos e a prática social ficará desfocalizada.

“Certamente, nem todas as organizações sociais e escolas oferecem um serviço educativo de qualidade(...)” (GUARÁ, 2009, p.68), porém, é preciso buscá-lo. Porque, por vezes, ele não é intencional e nem tão pouco socioeducativo. Supõe que ,então, as instituições e os atores sociais, fora da escola, afetam a formação do indivíduo e desenvolvimento de suas características, ações, habilidades e conhecimento.

Logo, permanece-se aqui a defesa da participação de outros entes além da escola. Visto que, não é possível desvinculá-la do homem e do mundo que existe além dos muros e das fronteiras escolares. Pensar na continuidade desta dinâmica existente entre os binômios escola-comunidade e homem-sociedade é um passo para tentar alcançar a inclusão no mundo social.

Retomando o Estatuto da Criança e do Adolescente, como um grande instrumento normativo, é possível notar que até ele “incluiu, no cenário educacional, outros atores, como organizações não-governamentais, os movimentos sociais, os grupos culturais, a iniciativa privada, a mídia etc.” (GOUVEIA, 2006).

Logo, perceber a educação se realizando entre outros espaços não é reduzir o papel da escola, é apenas ceder à integração dos diferentes saberes; englobando toda a realidade do indivíduo, que o prepara para a sociedade, para o trabalho e para aquilo que o mundo exigirá dele. Baseando-se em sua história de vida, em um número qualitativo de experiências e oportunidades educativas, em suas realizações e no conhecimento fundado e fundamentado no convívio social; de forma a atingir integridade, inclusão e cidadania.

Gouveia (2006) sintetiza, de forma louvável, pontos que culminam para compreensão de educação integral:

- Dimensões humanas: A Educação Integral pretende captar a complexidade de uma pessoa em sua totalidade, com uma proposta de desenvolvimento que, ao mesmo tempo, é cognitivo, emotivo, espiritual e físico.
- Ciclo de vida: não se trata mais de pensar que apenas a idade escolar é a única em que podemos aprender. O aprendizado se dá ao longo da vida: crianças e adultos aprendem o tempo todo.
- Satisfações humanas: a qualidade de vida das pessoas é o centro da educação integral e, para isso, é preciso considerar as satisfações humanas: criação, proteção, afeto, compreensão, identidade, lazer-ócio, liberdade e participação.
- Garantia dos direitos de educação: é necessário que a proposta educacional seja de conhecimento de todos e avaliada por todos (aceitabilidade), que todos possam se incluir num processo de aprendizagem (acessibilidade), que todas as diferenças sejam consideradas e influenciem a proposta (adaptabilidade) e que estejam instaladas as capacidades necessárias para execução da proposta (exeqüibilidade).
- Integração de políticas: a educação integral exige uma visão transectorial, em que as políticas educativa, econômica, social e cultural sejam formuladas e operadas de forma a garantir qualidade de vida(p.85).

Assim, em comum, as perspectivas apresentadas propõem o desenvolvimento transcendente e completo do sujeito, considerando os diversos espaços e situações e valorizando aspectos que interferem em seu progresso humano. Visualizando o indivíduo que, ao desenvolver suas dimensões humanas (cognitiva, física, social e emocional), segundo os critérios integrais, constrói e forma habilidades e competências.

A Educação Integral, então, pode ser considerada uma ação complexa e completa, na defesa de uma educação formadora e qualitativa; que preserva, respeita, protege, desenvolve e capacita. Atingindo o ser humano por inteiro, em suas dimensões, características e aspectos; no nível temporal, espacial, social, individual, humano, biológico, psicológico e intelectual. Sem desconsiderar seu universo, sua história de vida, seu ambiente e sua forma de aprender. O processo educativo, as políticas públicas, os direitos e deveres sociais e as ações e organizações socioeducativas formam uma conjuntura integralizada, dentro e fora da escola e da vida acadêmica.

Contudo, esta abrangência não se manifesta apenas no cenário educacional, ela também aparece na legislação, como se vê a seguir.

1.2 A Educação Integral segundo a legislação nacional e distrital

A legislação brasileira também trilha diálogos, na pretensão de deliberar sobre educação integral. Por meio de parâmetros, objetivos e metodologias, ela demonstra a versatilidade e responsabilidade da educação. Apesar de saber que a legislação educacional vigente ainda é deficiente em relação ao assunto, ela vem caminhando sucessivamente no alcance da qualidade educativa.

A Constituição, lei maior do Estado, determina todos os direitos sociais e individuais, assim como as responsabilidades e deveres inerentes à pessoa humana. No enfoque educativo salienta pelo artigo 6 que “são direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados”. Consentindo que, independente de circunstâncias, a educação é um direito efetivo.

Indiretamente, o entendimento sobre educação integral pode ser percebido, segundo esta lei, quando através do artigo 205 ela expõe a educação como direito de todos; dever do Estado e da família; sendo promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua

qualificação para o trabalho. Listando, assim, variáveis que permeiam a realidade integral, sendo elas:

- a) o direito de todos: a educação presumida como prerrogativa do cidadão, privilégio da pessoa humana, que não se restringe e respeita raça, gênero, classe e cor.
- b) o dever do Estado e da família: cujo papel não é exclusivo à escola, é responsabilidade de todos os atores sociais.
- c) a colaboração da sociedade: cuja ação educativa não se desvincula da realidade e do meio social, a qual valoriza as relações humanas e o processo de cooperação no desenvolvimento educativo.
- d) o desenvolvimento da pessoa: cujo processo educativo atinge as dimensões humanas, alcança perspectivas biológicas, sociais, psicológicas e cognitivas do sujeito e o forma por completo.
- e) o exercício da cidadania: que objetiva uma educação estimuladora, que considera o outro, respeita direitos e cumpre deveres, luta pelo bem comum e o progresso coletivo e individual.

Já a integralidade, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei 9.394 de 20 de Dezembro de 1996 – é notada nos artigos 34, quando determina na jornada escolar, do ensino fundamental, um trabalho efetivo de pelo menos quatro horas em sala de aula e ainda a progressiva ampliação do período de permanência na escola; e, por conseguinte no 87, parágrafo 5º, quando objetiva conjugar todos os esforços em prol da progressão do regime de tempo integral para as escolas públicas urbanas de ensino fundamental.

Em tais preceitos é visível a alusão aos princípios anisianos (Anísio Teixeira), isto é, ao intento de ampliar o horário escolar e de compor uma escola que atenda também no contraturno; fixando esta ação como uma meta a ser alcançada, mesmo que seja em longo prazo.

Percebe-se que, por meio de tais artigos, o agente legislador tenta evidenciar a escola como referência de tempo para o educando, como espaço no qual permanecerá durante o processo de ensino/aprendizagem. Neste caso, se a escola é o espaço para esta permanência, logo se presume que a norma legal vigente concebe a educação integral como aquela realizada na instituição escolar em horário integral, que harmoniza qualidade e quantidade e usa o tempo para expandir processos educativos, vivências e aprendizagens.

A ampliação progressiva do tempo diário de permanência na escola(...)só faz sentido – especialmente na sociedade brasileira, dadas as peculiaridades culturais – se

trouger uma reorganização inteligente desse tempo. Não se trata de imaginar uma escola sem horários ou regras, mas de recriá-los em função de um projeto curricular mais ambicioso do ponto de vista das oportunidades formativas, que ali os indivíduos possam encontrar (BRASIL, GDF, SECRETARIA EXTRAORDINÁRIA PARA A EDUCAÇÃO INTEGRAL, 2009 apud CAVALIERE, 2006).

Portanto, a educação integral, na conjuntura jurídica, além de estimar a constante “tempo” inclui ainda os processos formativos, que se “desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.” (LDB, artigo 1º). Condição que não descarta, da vida acadêmica, as experiências sociais e culturais, as relações humanas desenvolvidas e as estruturas sociais que afetam a construção humana.

Seguindo para o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA – confere-se que a educação integral tem o dever de respeitar e viabilizar os ideais de que:

Art. 3º - A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Art. 4º - É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

No Distrito Federal, as deliberações sobre educação integral, além de respeitarem os princípios já elucidados, são apresentadas por meio da Portaria nº 01 de 27 de novembro de 2009 e através das análises da intitulação “Educação Integral: ampliando tempos, espaços e oportunidades”, produzidas pela Secretaria Extraordinária para a Educação Integral em consonância com o Governo do Distrito Federal. A última intitulação citada dispõe sobre os objetivos a serem alcançados, os parâmetros utilizados na educação integral, o funcionamento da escola integral, a conjectura do currículo e do projeto político pedagógico e os princípios norteadores para o DF, de forma a elucidar, explicar, apresentar e exemplificar a perspectiva do poder público, na ação que logra resultados.

Nesta conjuntura, adota-se a educação integral na qualidade de educação que acontece em escola de tempo integral, isto é, da atuação escolar com o horário ampliado/estendido, que proporciona atividades no contraturno (turno contrário).

(...) nesse sentido, tem como principal objetivo a implantação de uma concepção de Educação Integral, que compreenda a ampliação de tempos, espaços e oportunidades educacionais, por meio da realização de atividades que possam favorecer a aprendizagem, bem como desenvolver as competências inerentes ao desenvolvimento da cidadania (BRASIL, GDF, SECRETARIA EXTRAORDINÁRIA PARA A EDUCAÇÃO INTEGRAL, 2009).

Os objetivos para a educação integral do Distrito Federal, segundo esta publicação, se baseiam na promoção de atividades que formem integralmente e, também, ampliem as vivências do educando. Compreendendo, ainda, o alcance de uma maior aprendizagem aos adolescentes e crianças; a intersetorialidade entre os órgãos governamentais; a participação da comunidade dentro da escola e a formação de parcerias e promoção da paz.

Além destes objetivos, o estudo aludido apresenta atores e agentes educacionais formadores da escola integral, que, além do professor, abrangem:

- a) Coordenador pedagógico: profissional que acompanha as atividades integrais; coordena os monitores; propõe vínculos entre a escola e a comunidade; organiza, com a equipe, as atividades e o tempo destinados às vivências dentro e fora da escola;
- b) monitores: estudantes universitários, principalmente dos cursos de licenciaturas e pedagogia, que auxiliam o professor; respeitam a legislação educacional brasileira e o projeto político pedagógico da escola e se atentam para a importância do processo educativo em sua formação profissional;
- c) agentes comunitários: profissionais de outras áreas - teatro, artes, capoeira, artesanato - que compartilham saberes e vivências com os educandos;
- d) parceiros: entidades físicas e jurídicas que se associam à escola na busca de uma educação completa e de qualidade;
- e) direção: equipe pedagógica que fomenta o projeto político pedagógico; une escola e comunidade e mobiliza e motiva professores.

A construção do currículo, neste mesmo registro, é outro desafio, quando concebido segundo os parâmetros integrais. Logo, se as escolas de educação integral do Distrito Federal pretendem fomentar um currículo integrado e atualizado, necessitam analisar duas possibilidades:

1. Os componentes da base nacional podem ser agrupados em um turno, e a parte diversificada de artes, esporte, lazer, biblioteca, música, animação cultural, rádio escola, etc., pode ser agrupada no outro turno, desde que as disciplinas e atividades sejam relacionadas transversalmente pelos professores e demais atores sociais, monitores e agentes culturais, em um currículo integrado e articulado.
2. A parte diversificada de artes, lazer, biblioteca, música, cultura, rádio escolar, etc., pode ser entremeada no tempo, durante o dia, independentemente de sua natureza mais ou menos sistemática. Um horário de aula de matemática (componente da base nacional) pode ser seguido de uma atividade diversificada de teatro, que, por sua vez, pode prosseguir num horário de biblioteca ou numa aula de língua portuguesa. Essas atividades podem, em função de um projeto elaborado, estar integradas, rompendo a rigidez da própria grade horária curricular. Pretende-se, com essa nova lógica organizacional, favorecer o encontro interdisciplinar, bem como evitar a

valoração prévia entre componentes curriculares. Tal sistema exige uma reorganização do trabalho pedagógico, do planejamento docente, bem como das dinâmicas de deslocamentos e usos dos espaços (BRASIL, GDF, SECRETARIA EXTRAORDINÁRIA PARA A EDUCAÇÃO INTEGRAL, 2009).

Assim, quando se pretende construir e implantar escolas públicas de educação integral, é imprescindível, primeiro, observar metas e ações educativas e, segundo, estudar como os critérios ficarão elencados e serão propostos no currículo e no projeto político pedagógico. Essas escolas, do cotidiano do Distrito Federal, ao executarem ações deverão respeitar os seguintes princípios (BRASIL, GDF, SECRETARIA EXTRAORDINÁRIA PARA A EDUCAÇÃO INTEGRAL, GDF, 2009):

- a) integralidade: ação que busca desenvolver todas as dimensões humanas, em um processo de aprendizagem que transcorre toda vida, associando-se às práticas sociais, culturais e artísticas e que resulte na formação de alunos-cidadãos;
- b) intersetorialidade: visa à articulação das diversas políticas públicas, no domínio do governo, para resultar em uma educação qualitativa e igualitária;
- c) transversalidade: ensino que respeita e agrega conhecimentos que os alunos trazem de fora da escola;
- d) diálogo comunidade-escola: comunicação evidente e direta entre os interlocutores locais; objetivo das entidades formadoras do complexo escolar;
- f) territorialização: ato de observar a realidade que circunda a escola, rompendo com os muros escolares;
- g) trabalho em rede: trabalho realizado conjuntamente; experiências e responsabilidades que são compartilhadas e partilhadas;
- h) cultura de paz: defesa da convivência que respeita o outro, a vida, o planeta e a diversidade; que rejeita qualquer tipo de violência e torna o indivíduo generoso e solidário.

No entanto, a teorização da educação integral somente é autêntica quando incorporada e agrupada à realidade pedagógica. Assim, práticas escolares serão apresentadas nos próximos capítulos.

2. A PRÁTICA PEDAGÓGICA ESCOLAR

Este capítulo baseia-se na vivência pedagógica da autora em uma determinada escola integral pública do Distrito Federal, ou seja, será apresentada aqui a organização do espaço educativo, a sua experiência como monitora da escola e as oficinas realizadas com alunos e não-alunos da educação integral.

2.1 Apresentando a escola

A instituição foi inaugurada no ano de mil novecentos e noventa e dois, no dia vinte e oito do mês de fevereiro, durante o mandato do presidente Fernando Collor de Melo. Está localizada no Distrito Federal, na cidade de Ceilândia, na região norte. O terreno amplo e bem dividido, há cerca de 20 salas distribuídas em dois andares. O espaço é repartido em 3 blocos integrados. No primeiro há um ginásio coberto, uma piscina aquecida, uma quadra aberta de terra, estacionamento para funcionários, vestiários ao lado da piscina, refeitório espaçoso e banheiros adaptados; na ala central situam-se a área administrativa, a secretaria, o consultório dentário, o anfiteatro e a biblioteca. Na última ala se encontram as salas da educação infantil e de recursos pedagógicos, uma copa e um pequeno parque infantil de areia.

As salas de educação infantil são bem acolhedoras e possuem muitos brinquedos e materiais pedagógicos. Já nas outras, do ensino fundamental, é possível perceber a grande presença de utilitários para as aulas práticas de ciência (funil, balde, balão, lupa etc.). A área verde que circunda o colégio também é vasta, propiciando momentos de lazer para as diversas idades.

O colégio atende no período matutino-vespertino e aos finais de semana, quando ocorrem eventos para e da comunidade. Atualmente, ela tem ofertado as modalidades de: educação infantil (05 anos); ensino fundamental de 09 anos (séries iniciais); classes especiais e educação integral.

Há, em média, mais de 700 alunos, sendo que 137 são da educação infantil; 114 no primeiro ano; 104 no segundo ano; 110 no terceiro ano; 136 no quarto; 103 no quinto ano e 28 alunos em classe especial. O número de alunos atendidos na educação integral não foi divulgado pela escola.

A região na qual a escola está situada é carente, porém possui um grande número de instituições de ensino público. Os alunos frequentadores da escola, em média, são

provenientes de famílias carentes e/ou de baixa renda. Tal circunstancia pôde ser aferida por meio de um questionário sócio-econômico realizado pela direção, no ano de 2010. Os dados revelaram um pouco do perfil dos alunos e as suas respectivas demandas.

Na avaliação houve fatores sobre renda, participação e condições financeiras e familiares; totalizando 424 questionários respondidos, sendo 194 pelo público matutino e 230 do vespertino. Os alunos e/ou os respectivos pais responderam que:

Você se considera:	Matutino	Vespertino	Total
Branco	56	64	120
Negro	11	21	32
Pardo/Mulato	119	123	242
Oriental	01	06	07
Indígena	01	01	02
Renda Familiar:	Matutino	Vespertino	Total
Um salário mínimo	106	119	225
Dois a três salários mínimos	50	71	121
Entre três e cinco salários mínimos	24	23	47
Acima de cinco salários mínimos	18	13	31
Não recebe salário	07	03	10
Reside em:	Matutino	Vespertino	Total
Casa própria	65	58	123
Alugada	71	93	164
De familiares	52	65	117
Outros	05	07	12
Recebe benefício do governo:	Matutino	Vespertino	Total
Sim	62	30	92
Não	132	59	191
Situação conjugal dos pais:	Matutino	Vespertino	Total
Vivem juntos	105	85	190
Separados	58	74	132
Viúvo (a)	10	00	10
Desconhecido	03	03	06
Possui telefone:	Matutino	Vespertino	Total
Fixo	161	105	266
Celular	84	52	136
Expectativas dos pais em relação à escola:	Matutino	Vespertino	Total

Boa	150	140	290
Regular	20	43	63
Ruim	02	00	02
Não sabe	03	04	07
Precisa melhorar	17	21	38
Participa da vida escolar do filho (a):	Matutino	Vespertino	Total
Sim	180	191	371
Não	07	10	17

(PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2010, p.6)

A equipe pedagógica da escola é formada por professores; auxiliares de limpeza e conservação; secretários escolares; prestadores de serviços; apoio administrativo, coordenador, orientador, agentes de portaria; vigias; monitores; equipe psicopedagógica; professores da sala de apoio/recurso.

Na quarta-feira, as coordenações acontecem de forma coletiva, tendo presente todo o corpo docente, o coordenador e um representante da direção escolar. Já nas terças e quintas-feiras são realizadas por grupos de professores, os quais se reúnem segundo o ano que lecionam. O planejamento, na reunião coletiva, é decidido segundo os projetos interdisciplinares desenvolvidos e o em grupo foca os conteúdos e as atividades pedagógicas para as aulas semanais.

2.2 Experiência pedagógica como monitora

Eu fui monitora desta escola de fevereiro a dezembro do ano de 2010. Era servidora concursada e, por tanto, não era monitora especificamente da educação integral e sim, atendia a escola amplificadamente.

Monitorava, especificamente, oito alunos com necessidades especiais e outros alunos, conforme demanda e critério da direção. Auxiliava os alunos específicos e, conseqüentemente, sua turma, em atividades em sala de aula e lúdicas; durante o recreio e festas da escola. Estava presente com os professores na sala de informática, na piscina, no ginásio e nos eventos festivos.

Logo, como trabalhava oito horas por dia, convivia com alunos de todas as faixas etárias e com diferentes tipos de atenções. Desta forma, percebia suas dificuldades, suas carências, suas expectativas e realizações.

Nas minhas ações buscava realizar o planejamento do professor regente e, quando possível, acrescentava, com a consciência deste, aprendizados versados pela faculdade de pedagogia.

Nesta rotina diária e nos meus constantes acompanhamentos à sala de informática, reparei a fascinação dos alunos pelo mundo virtual, mas em contrapartida o desconhecimento de ferramentas virtuais. Eu observava que os alunos da educação integral, por duas vezes na semana, realizavam no turno contrário atividades nesta sala. Surgiu-me então, a proposta de acrescentar-lhes conhecimentos à área de informática.

Então elaborei atividades que pudessem ser realizadas neste espaço, atendendo não só eles, mais todos os outros colegas de sua classe regular. Assim, as oficinas não foram realizadas no contra-turno do aluno e sim, nos horários das disciplinas curriculares.

O objetivo era repensar em paradigmas, que estabelecem horários fixos para as atividades escolares, que separam alunos integrais de não-integrais e ainda, de que determinadas atividades não possuem cunho educativo e somente recreativo.

Por meio destas oficinas os alunos puderam observar ferramentas computacionais, que além de apoiar a ação educativa, buscar atingir as expectativas dos alunos, integrando-os à realidade e enriquecendo o trabalho pedagógico; no qual se refletiram como objetivos pregados para a educação integral, elucidados anteriormente.

Para se realizar um trabalho valioso e significativo é preciso ir além, é necessário que se ultrapasse os modelos vigentes, no qual a informática em sala de aula é apenas um complemento e não um processo. Para isso é preciso buscar formas inovadoras e reais de se atingir os objetivos em sala de aula, mais que tais objetivos se reflitam no dia a dia e assim, ultrapasse as paredes da escola. A questão é oferecer ações que, daqui em diante, se inovadoras, diferenciadas, contextualizadas e criativas, acarretando em uma significativa mudança no ambiente escolar e social como um todo.

Convivendo e conhecendo a cultura o qual está imerso, o indivíduo passa a usar os instrumentos oferecidos por ela para alcançar algo ou para se socializar e se sentir inserido. Considerando os aspectos da educação integral, o blog se enquadra perfeitamente em todas estas expectativas. Apoiando-se aqui na idéia de ser um instrumento prático para a socialização e integração, pois permite a interação entre os indivíduos, o intercambio de informações, ideais, valores, crenças e normas sociais. O computador passa, então, a ser um instrumento de mediação. O proposto nas oficinas, então, foi conhecer melhor a realidade dos blogues.

1ª Oficina - “Bate-Papo” Ao Vivo	
Tema: "Cidadania e Inclusão Digital" Sub-tema: O que é um blog? Público alvo: Alunos	
Metodologia: No primeiro momento, através do "bate - papo ao vivo", será possível conhecer os alunos do grupo e , logo após, através de demonstrações na página de internet e pesquisa, será possível apresentar a ferramenta que será utilizada.	
Objetivos: - Conhecer a história de vida; - Observar a realidade suas necessidades e anseios; - Observar as principais dúvidas sobre o tema; - Observar os valores que perpassam nos alunos.	
Planejamento: - Apresentação da proposta de trabalho aos alunos; - Apresentação da Ferramenta "Blog"; - Definir, coletivamente, tema de pesquisa do blog. - Realizar atividades: "roda aberta" e "auto - retrato".	
Atividades Desenvolvidas: - Explicar a história do blog. - "Roda Aberta". Esta atividade consiste em uma roda de diálogo e conversa livre, no qual todos os alunos se apresentam. - "Auto - retrato". Esta atividade consiste em escolher um objeto que represente a si próprio, ao apresentá-lo à turma o aluno vai explicando as características que tem em comum com o objeto.	

No primeiro encontro foi possível conhecer e reconhecer a turma, suas características e história de vida. A maioria da turma já freqüentava a sala de informática há bastante tempo, eram assíduos. Porém, a diferença é que nunca haviam utilizado o blog como um recurso para expressarem suas idéias.

No primeiro encontro o planejamento não se concretizou plenamente, pois as atividades previstas para suceder até a terceira oficina foram realizadas neste primeiro encontro.

A atividade “auto-retrato” foi baseada em um momento de reflexão, no qual o aluno escolheria um objeto, que o representava da melhor maneira, que logo depois seria explicado na sala para os outros colegas. O objetivo era notar como cada um se observava, e também, para alcançar a interação da turma. Sendo possível um se refletir no outro, em suas semelhanças e escolhas.

Os alunos se manifestaram de maneira tímida e um pouco acanhada no começo, porém foi possível extrair de cada um algumas características, como por exemplo: gosto por leitura, timidez, concentração, interesses pessoais, entre outros.

O previsto inicialmente era a construção de apenas um blog para toda a turma, no qual existiriam diversos assuntos e conforme os interesses subgrupos seriam formados. Com apenas um blog haveria também a questão do controle e da facilidade de acompanhamento. No entanto, não foi o que aconteceu e isto interferiu diretamente nas atividades posteriores.

Assim, vários blogs foram criados ao longo do projeto, e os assuntos foram os mais diversos possíveis, como: drogas, política, educação, saúde, publicidade, ambiente escolar, crônicas, cidadania. Mas tal fato só enriqueceu o caminhar do projeto.

2ª Oficina - "Conhecer para Saber"
Tema : Cidadania e Inclusão Digital Sub-tema : O que é Cidadania Público alvo: Alunos
Metodologia: Através do diálogo será possível conhecer as informações que cada um já possui sobre o tema, será possível reconhecer suas peculiaridades, aumentar a interação e comunicação e também, delinear um melhor andamento do projeto.
Objetivos: - Refletir e argumentar sobre o que é cidadania e como exercê-la, através da Internet. - Expor formas de exercer a cidadania; - Observar a realidade do grupo, suas necessidades e anseios; - Observar as principais dúvidas sobre o tema; - Observar os valores que perpassam nos alunos pela escolha do conteúdo.
Planejamento: - Apresentação do tema Cidadania; - Definir, temas de pesquisa do blog. -Refletir sobre cidadania e exclusão social.
Atividades Desenvolvidas: -Questionar sobre o que é cidadania. - Escolher tema para assunto principal do blog. - Detectar principais formas de exclusão que o grupo já sofreu ou sofre atualmente.

Na segunda oficina foram realizadas bastantes pesquisas sobre o que é ser cidadão e sobre assuntos específicos a serem abordados nos blogs. Cada aluno que ainda não possuía uma conta de email no Google, usou deste período da oficina para criar seu email.

Nesta mesma oficina, houve o conhecimento de que um dos alunos era portador de distúrbios psiquiátricos, porém tal situação não gerou conflitos entre seus colegas e nem mesmo uma situação alarmante. Ao contrário, para trabalhar a questão do discernimento entre realidade e ficção, textos e crônicas foram desenvolvidos, pois a contação de história seria o instrumento de valorização e inserção deste sujeito com os outros colegas.

O que caracterizou esta atividade foi as constantes dúvidas sobre email e o ato de pesquisar na Internet. Nesta mesma oficina foi apresentado o *site* (<https://www.blogger.com/star>) que seria utilizado para criar os blogs individuais.

Assim, o decorrer do horário foi para a familiarização dos alunos com o *site* e para a escolha do endereço eletrônico.

3ª Oficina - "Conhecendo o Dr. Email"
Tema : Cidadania e Inclusão Digital Sub-Tema: Dr. Email e o Sr. Invasor  Público alvo: Alunos
Metodologia: Ao apresentar a finalidade do email e confeccionar um compatível com o blog será possível entender sua diferença com outras funcionalidades do Internet Explorer e assim realizar um trabalho seguro.
Objetivos: - Observar o vínculo do aluno com o conteúdo; - Observar como dominam a ferramenta e as principais dúvidas; - Iniciar um processo de conscientização do uso do email seguro; - Trabalhar em equipe; - Valorizar o trabalho cooperativo e colaborativo;
Planejamento: - Apresentar o email e suas funcionalidades - Apresentar como deve ser um email seguro - Apresentar os "invasores" de email
Atividades Desenvolvidas: - Pesquisar sobre email. - Criar um email. - Pesquisar sobre antivírus e spam - Montar uma apostila dando dicas de como montar e ter um email seguro - Conscientizar que todos são sujeitos do processo em construção.

O período total da aula fora para a explicação das funcionalidades do email e como mantê-lo em segurança. Dicas de como se prevenir e reconhecer emails falsos e vírus foram repassadas.

Nesta mesma aula os alunos puderam utilizar e conhecer em detalhes as funcionalidades do blog, que posteriormente esclareceria as dificuldades para publicação e edição de textos, imagens e vídeos.

Foi possível também entender as palavras-chaves que permeiam a “blogosfera” (mundo do blog). Então um dicionário foi criado, para que as duvidas fossem sanadas. Palavras como : *script*, *post*, *HTML*, *tags*, foram sendo conhecidas dia a dia.

Discussões, também, relacionadas ao trabalho e ao dia a dia, enriqueceram a aula. Muitos alunos contribuíram com relatos significativos sobre sua realidade e em como eles mesmo, através do blog, poderiam influenciar positivamente a comunidade.

Através de um aluno, houve a curiosidade sobre os diversos tipos de vírus e antivírus que permeiam o mundo da internet. Assim, o tema retratado nesta oficina , que foi sobre a segurança na Internet ,teve continuidade na posterior .

4º Oficina - " Quem sou eu na rede . . ."
Tema : Cidadania e Inclusão Digital Sub - tema : Pesquisa Virtual Público alvo: Alunos
Metodologia: Através da pesquisa será possível aprofundar teoricamente o assunto que cada um irá trabalhar, e assim, se reconhecer como mais um na rede mundial de computadores.
Objetivos: - Aprofundar teoricamente, através da pesquisa, o assunto que o blog irá retratar. - Ampliar as escolhas do aluno, referente à parte visual do blog.
Planejamento: - Pesquisar no Internet Explorer reportagens, músicas, vídeos, textos e imagens sobre o conteúdo em desenvolvimento - Definir o nome para o endereço do blog e os subtemas; -Dividir em subgrupos para que cada um trabalhe com seus sub-temas.
Atividades Desenvolvidas: - Pesquisar bibliografia para blog; - Criar um trabalho diferenciado sobre o que entende por cidadania, que na aula posterior será apresentado à turma. Poderá ser : um texto poético, desenho manual ou no computador, foto, produção de vídeo, paródia, músicas e etc. E que ao longo do projeto serão postadas no blog.

Todo o horário disponível foi utilizado para que individualmente os alunos escolhessem imagens e vídeos interessantes para publicar em seu blog, estes ainda puderam observar outros blogs conhecidos e assim, incrementar o seu próprio conteúdo.

Houve ainda, no espaço da escola, um reconhecimento da comunidade e dos seus freqüentadores, pois tal assunto seria para a produção de um texto, foto, imagens ou outros tipos de produção para ser publicada em sua página pessoal na internet.

Em todas as oficinas, até aqui, houve constantemente a realização de pequenos debates e exposições com a turma, a fim de verificar suas ações e os fatos diários, para que tais sirvam de relatos e incrementos para seu blog, sendo um instrumento completo de suas idéias iniciais, pois para mudar a realidade é preciso primeiro relatá-la aprofundamento.

Houve também as primeiras publicações das atividades e pesquisas realizadas até o momento, refletindo os conhecimentos e informações adquiridas.

5ª Oficina - " Recursos do Blog"	
Tema : Cidadania e Inclusão Digital Sub - Tema : "Montando o Quebra -Cabeça" Público alvo: Alunos	
Metodologia: Após pesquisar e estudar um pouco sobre o que é ser cidadão os alunos perceberem que suas ações interferem na sociedade, iniciaram o trabalho para a construção do blog.	
Objetivos: - Compreender o que é um blog e sua dinâmica - Construir coletivamente um blog cidadão; - Incentivar a cooperação, interação e respeito; - Incentivar a construção coletiva; - Perceber o blog como uma ferramenta educativa; - Conhecer alguns recursos do blog	
Atividades Desenvolvidas: -Utilizar os recursos básicos; - Entender nominações básicas do blog.	

O período disponível foi utilizado prioritariamente para o acompanhamento individual e por mesa. Nesta etapa foi possível que os alunos, com minha ajuda, pudessem ser orientados em suas dúvidas sobre as ferramentas e sobre suas opiniões sobre temas futuros

Foi possível nitidamente perceber os anseios individuais, e foi um muito enriquecedor pelo fato ocorrer um contato mais tranquilo e próximo. Estreitei minha relação com os alunos e pude conhecer melhor a cada um, e eles a mim.

6ª Oficina - " Recursos do Blog"	
Tema : Cidadania e Inclusão Digital Sub-tema : Postando Imagens e Desvendando a ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) Público alvo: Alunos	
Metodologia: Os alunos ao desenvolver os trabalhos irão entender, pouco a pouco, a dinâmica e a linguagem, modificando o (visual) da página através das ferramentas disponíveis.	
Objetivos: - Conhecer os recursos - Se tornar autônomo na construção; - Incentivar a criatividade, cooperação e pesquisa; - Incentivar a utilização do blog como uma ferramenta do dia a dia - Incentivar a familiarização com as novas linguagens.	
Atividades Desenvolvidas: - Escolher o visual da página; - Publicar e editar textos; - Pesquisar sobre direitos da criança e do adolescente e comparar com sua realidade.	

Por serem crianças , foi interessante trabalhar a questão do Estatuto da Criança e do Adolescente seus direitos recorrentes, para que assim, tais sujeitos entendessem seus direitos e deveres perante a sociedade. O enriquecimento da atividade ocorreu através de relatos de pessoas conhecidas pelos alunos, que já haviam sofrido algum tipo de violência infantil.

A linguagem utilizada para expor o Estatuto foi o gibi, este é disponibilizado na rede e tem como público-alvo as crianças. Refletir sobre os direitos, mesmo que em espaço breve, pode plantar uma pequena semente de mudança num futuro próximo.

Todos os alunos puderam fazer uma comparação com sua própria realidade através das informações que ia sendo passadas através do gibi.

Os alunos realizaram uma avaliação qualitativa sobre o blog do colega, tendo um olhar expectador. Todos os alunos foram direcionados a um blog, sem que eu identificasse quem era seu autor, desta forma ele estaria livre para fazer sua avaliação, colocando críticas, idéias e sugestões. Até porque o blog será visualizado por muitos na rede virtual. Procurei deixar comentários em cada blog, sobre seu desempenho e dando um incentivo, para continuarem empenhados nos trabalho que realizaram até aqui.

Neste ultimo encontro propus também, aos alunos opiniões sobre minha atuação ao longo dos encontros, para que avaliasse minha atuação, dando sugestões e críticas ao meu trabalho pedagógico e ao projeto como um todo.

Assim, no andamento do meu trabalho como monitora, tentei colocar em prática aspectos que versam a educação integral, exercendo meu papel de educadora e tentando criar novas possibilidades ao aluno.

Esta foi a minha vivência prática, a reflexão de como a educação integral é entendida, na teoria e na prática pela a escola são discutidas no próximo capítulo.

3. A EDUCAÇÃO INTEGRAL NA ESCOLA

Este capítulo versa sobre como se dá a educação integral na respectiva escola vivenciada por esta autora. Os dados aqui refletidos relacionam-se ao projeto político pedagógico desta escola e à prática vivenciada e observada nela, ou seja, a teoria e a prática, respectivamente. Rematando o capítulo com propostas de melhoria a certos atributos da educação integral ali observados.

3.1 A educação integral na teoria: o projeto político pedagógico da escola.

A escola tem como meta proporcionar à comunidade uma educação integral de qualidade, em ações que

(...)possibilitem o fortalecimento dos laços de solidariedade e de tolerância recíproca, a formação de valores, o desenvolvimento como pessoa humana, a formação ética, o exercício da cidadania, estruturados sobre a interdisciplinaridade e a contextualização, que vinculem a educação ao mundo do trabalho à prática social, à compreensão de significados, à construção da autonomia intelectual e do pensamento crítico, para adaptar-se a novas condições de vida e de organização social e correlacionar a teoria com a prática (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO 2010, p.5).

Ou seja, a construção de um espaço democrático, que se dedica às mudanças e ações. Transformando os alunos de forma a interferirem no progresso da sociedade. Propiciando um processo educativo significativo, no qual formem atitudes cidadãs, valores éticos; preparando-os para as exigências profissionais e sociais; tornando-os conscientes, críticos, respeitosos e pró-ativos.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a Educação Integral é fruto de debates entre o poder público, a comunidade escolar e a sociedade civil, de forma a assegurar o compromisso coletivo com a construção de um projeto de educação que estimule o respeito aos direitos humanos e o exercício da democracia. Esses debates representam a valorização da pluralidade de saberes e a criação de momentos privilegiados em que se possa compreender a importância das distintas formas de conhecimento e suas expressões no mundo contemporâneo(MEC, 2009, p.28)

Esta educação efetiva, democrática e dialógica, segundo o projeto, não se efetiva apenas na escola, o aluno também se forma no ambiente social e familiar. Assim, na proposta apresentada, busca-se cumprir um trabalho coletivo e qualitativo, no qual os eixos comunicativos são: comunidade-família-escola-governo. Esses diálogos então, constantes e produtivos, versam pilares fundamentais à integralidade.

A construção da cidadania passa pelo desenvolvimento integral da criança nos aspectos cognitivos, físicos, afetivos e sociais, portanto, os objetivos e os procedimentos dessa proposta revelam o compromisso com essa construção, numa prática voltada para a retomada de valores, normas e atitudes, consciência ambiental, formação do leitor crítico, consciente e produtivo. A concepção de desenvolvimento humano incorporada pela escola exige a integração de esforços e harmonia de ações que favoreçam a compreensão do sujeito ativo na construção dos processos psicológicos, levando em conta a sua interação com seu contexto sócio-cultural (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2010 apud VALSINHA, 1993-1995).

A educação integral, então, nesta realidade, além de propiciar à equidade participativa, busca também a construção da cidadania de seus alunos.

Logo, o projeto (2010, p.10) compreende a educação integral como o “principal fator de promoção das competências, assumindo centralidade nas questões relacionadas à formação humana na sua totalidade, contemplando as dimensões físicas, emocionais, culturais, cognitivas e profissionais”. Assim, para educar, é necessário vislumbrar, no educando, seus aspectos biopsicossociais, associando-o ao trabalho, à realidade escolar; formando-o e desenvolvendo-o. A formação integral centra-se no sujeito, nas suas expectativas, nas suas diferenças, valores e formas de aprender e se relacionar perante o novo e o outro.

Assim a escola expõe, no projeto, algumas aspirações para a educação integral:

1. Proporcionar condições de trabalho, capacitação e estudo para os profissionais em educação favorecendo a relação ensino-aprendizagem e contribuindo para o nível acadêmico, essencial para o desenvolvimento de atividades educativas que prime pela qualidade do ensino.
2. Construir uma sociedade justa, igualitária e contribuir para um mundo melhor na formação de cidadãos plenos, conscientes, críticos e que se respeitem mutuamente.
3. Reestruturar o trabalho pedagógico, articulando os conhecimentos buscando aumentar a qualidade do ensino oferecido e torná-lo mais significativo e prazeroso, para os educandos e educadores, através de oficinas e estudos dirigidos.
4. Democratizar as relações e ações coletivas na escola, favorecendo o aperfeiçoamento das relações interpessoais e conseqüentemente o processo ensino-aprendizagem.
5. Despertar nas crianças a musicalidade, através da formação de um coral.
6. Promover através de projetos interdisciplinares, a permanência do aluno na escola garantindo o respeito às vivências pessoais, através de jogos e recreação como: campeonato de xadrez, recreação na piscina, jogos inter classes (Futebol e Queimada).
7. Valorizar na prática pedagógica os princípios éticos da autonomia, da responsabilidade e do respeito, através das atividades realizadas nas horas cívicas da escola.

(PROJETO POLITICO PEDAGÓGICO, 2010, p.23).

Em síntese, essas aspirações visam à melhoria do espaço educativo. Tornando-o um espaço aberto aos debates, às mudanças, à qualidade do aluno. Que respeita desejos, expectativas, diferentes modos de se fazer e aprender.

Em relação ao currículo da educação integral, não há no projeto político pedagógico uma proposta específica, apenas constam elaborações destinadas à educação infantil e sobre o processo de alfabetização. Em linhas gerais, o projeto acredita em um currículo que enfatiza a flexibilização e descentralização do ensino e o respeito à identidade do aluno e da comunidade escolar. Preservando-lhes os seus direitos; compartilhando, desta forma, responsabilidades e deveres que resultam em uma construção da uniformidade coletiva e da gestão democrática.

Cita ainda a formação de professores, mas não a relaciona com a educação integral. Ou seja, apenas relata superficialmente a importância do aperfeiçoamento profissional para o educador.

Na pesquisa documental, do projeto político pedagógico, se observou que as considerações sobre alfabetização, educação infantil e educação especial eram separadas em capítulos. No entanto não ocorreu isto com a temática de educação integral. Supõe-se que tal ausência, de uma composição separada para este assunto, gere a falta de subsídios que ampararão o processo educativo.

Como ferramenta esclarecedora de pensamentos e pressupostos da escola, o projeto político pedagógico precisa ser o mais elucidativo possível.

3.2 A educação integral na prática

O objetivo deste tópico é situar a educação integral na prática da escola em questão. Alocando os acontecimentos, sucintamente, de forma a confrontá-los com a teorização proposta acima. Destacando também que as ocorrências relatadas são resultados de um convívio rotineiro e diário, desta autora com os monitores, alunos, direção pedagógica, pais e demais membros da comunidade escolar.

A prática pedagógica da educação integral, na escola, é realizada por dois monitores, que são alunos bolsistas universitários, e que devem “prioritariamente, atuar como monitor no Programa de Educação Integral da rede pública de ensino ou nas ações sócio-educativas dos órgãos responsáveis pela política social do Governo do Distrito Federal” (GDF, DECRETO nº 29.501, 2008, art.21).

Ou seja, os monitores não são servidores públicos efetivos e sim, estudantes participantes do Bolsa Universitária; um programa desenvolvido pelo Governo do Distrito Federal, o qual custeia parte da mensalidade da universidade/faculdade destes alunos que, em

troca, prestam serviço durante 20 horas semanais, em atividades e locais designados pelo poder público.

Os bolsistas, comprovadamente, não possuem condições de custearem a formação superior e assim são escolhidos segundo os critérios do decreto nº 29.501, de 10 de setembro de 2008, e da lei complementar nº 770, de 15 de julho de 2008, descritos no artigo 7º desta:

- a) ser selecionado pelos Órgãos Gestores e ser aprovado no exame vestibular e/ou estar regularmente matriculado em curso autorizado ou reconhecido da rede particular de ensino superior, no âmbito do Distrito Federal;
- b) comprovar por meio documental renda bruta mensal familiar per capita correspondente a, no máximo, 03 (três) salários mínimos;
- c) comprovar que reside no Distrito Federal há, no mínimo, 05 (cinco) anos ininterruptos, contados da data de inscrição no Programa;
- d) não possuir diploma de graduação nem se encontrar matriculado em outro curso de ensino superior;
- e) não ter sido desligado anteriormente do Programa devido ao descumprimento ou à violação das normas estabelecidas;
- f) assumir formalmente todas as obrigações decorrentes do Programa Bolsa Universitárias, bem como assinar todas as declarações exigidas;
- g) apresentar a última Declaração de Renda (Imposto de Renda Pessoa Física) de cada membro da família (p.2).

Desta forma, os monitores não são membros permanentes do quadro administrativo/diretivo da escola e realizam suas ações sem colaboração pedagógica da direção escolar, ou seja, sem a supervisão de um coordenador pedagógico, que, segundo elucidações anteriores, tem reconhecida importância no processo.

As atividades cotidianas são baseadas em: a) reforço escolar, no qual se resolvem deveres de casa e dúvidas não solucionadas em sala de aula; b) exercícios físicos, que se realizam no pátio ou no ginásio da escola; c) brincadeiras lúdicas, o qual varia pela quantidade e pela idade dos alunos.

Notou-se, por meio da convivência diária, que os monitores da educação integral priorizavam as ações lúdicas.

Assim, a Educação Integral, em questão, não se restringe à possibilidade de ampliação do tempo que a criança ou o jovem passa na escola, mas à possibilidade de integração com outras ações educativas, culturais e lúdicas presentes no território e vinculadas ao processo formativo (MEC, 2009, p.47).

Logo, a importância do brincar é reconhecida, porém presume-se que não apenas o lazer deve ser visionado, é preciso uni-lo aos objetivos formativos e educativos.

De acordo com a manifestação da direção escolar, os monitores, em determinadas circunstâncias, não cumprem o horário previsto, o que pode ocasionar em descrédito por parte das crianças atendidas. A não realização da carga horária, segundo relato direto dos dois monitores, se deve ao enfado perante as atividades rotineiras, à falta de criatividade que

sentem para criar aulas dinâmicas, ao receio de perder a bolsa oferecida pelo governo, à falta de tempo devido às outras atividades trabalhistas e familiares, à falta de aproximação por parte da direção escolar e a não identificação quanto ao ato de lecionar.

A educação integral, na escola, não é estendida a todos os alunos. Ela se reduz ao público infanto-juvenil receptor do Bolsa-Família (um programa de transferência direta de renda, ou seja, são famílias de baixa renda que recebem auxílio financeiro do governo federal). As crianças ficam na escola das 07h30 até as 16h00 e almoçam no refeitório.

A direção não possui e nem designou um coordenador para se responsabilizar pela orientação e planejamento das atividades da educação integral. Portanto não se realiza, entre direção e monitores, a preparação de planos de aula, a elaboração de planejamento pedagógico, coordenação coletiva e currículo específico. O que pode ocasionar, por parte dos monitores, desorganização e desinteresse pela prática escolar.

O educador, como parte operante do processo educativo, precisa almejar uma educação de qualidade, independente de aspectos e circunstâncias. Buscando aperfeiçoar a si mesmo e a sua realidade, está intenção é disposta a seguir.

3.3 Propostas de melhoria à prática da educação integral da escola

As propostas de melhoria aqui descritas serão direcionadas às ações político-educativas, da rotina escolar e do planejamento pedagógico da escola assinalada. Objetivando a reflexão-ação da comunidade escolar, dos agentes educacionais e do próprio governo local perante a realidade da educação integral, repensando e analisando atitudes.

Em relação ao norte legislativo do Distrito Federal, abordadas aqui, notou-se a carência de detalhamentos em relação às disciplinas do currículo de educação integral, de seu planejamento estratégico, da gestão democrática dos conteúdos a serem abordados, trabalhados e desenvolvidos, de forma que, predominaram-se apenas os objetivos gerais, metas a serem alcançadas e princípios a serem seguidos.

As propostas da autora, direcionadas às ações político-educativas, são:

- Divulgar, por meio da legislação, atividades por área de conhecimento: música-teatro-artesanato-esporte-linguística-artística etc, exemplificando-as com planos de aulas acessíveis em fóruns educativos;
- Criar e reforçar o uso de fóruns educativos e espaços virtuais para o compartilhamento de informações e experiências;

- Publicar, de maneira massiva, experiências significativas de escolas de educação integral, para que outras possam se inspirar e procurar produzir um trabalho edificante; realizar questionários e pesquisas qualitativas mediante as escolas públicas integrais, para que se verifiquem as ações educativas e estabeleça índices e critérios de qualidade; demonstrando o levantamento dos dados e números reais do contexto integral;
- Realizar campanhas educativas, nos meios de comunicação, sobre os programas sociais e políticas públicas relacionadas à temática;
- Aumentar a frequência de realização das audiências públicas, para que o público atendido se torne consciente e cobre atitudes dos governistas;
- Executar, nas escolas públicas, programas de capacitação sobre o tema, por meio de mesas-redondas, oficinas pedagógicas e debates.

Respeitando, entre outras, a idéia de que

A compreensão da jornada de trabalho dos professores na perspectiva da Educação Integral requer a inclusão de períodos de estudo, de acompanhamento pedagógico, de preparação de aulas e de avaliação de organização da vida escolar. A reorganização dessa jornada exige que a formação de educadores inclua conteúdos específicos de formulação e acompanhamento de projetos e de gestão intersetorial e comunitária (MEC, 2009, p.39)

Como se observou, são apenas itens a se considerar na realização da prática integralista, mas que podem atingir níveis formativos amplos. O governo, como educador maior, deve ser exemplo nas ações educativas, no fortalecimento das políticas públicas e no fornecimento de experiências e oportunidades, que se realizarão dentro e fora da escola. Pois “é assim que essa educação se faz concomitantemente sensitiva, intelectual, artística, esportiva, filosófica, profissional e, obviamente, política”(COELHO, 2009, p.88)

A escola, como agente transformador, necessita mudar constantemente, seguindo conforme as demandas. Da mesma forma o projeto político pedagógico da escola precisa ser renovado, porque este é reflexo da comunidade escolar, é o espaço estratégico para coordenar as ações , vislumbrar metas e expor concepções.

Destarte, por faltar no projeto da escola os procedimentos, a estrutura organizativa, os deveres, os resultados almejados, os objetivos delineadores da educação integral, propõe-se a este:

- a) a exposição dos objetivos específicos da escola em relação à educação integral;
- b) demonstrar quem são os responsáveis por esta educação;

- c) os deveres e responsabilidades dos monitores, da escola, dos professores, dos pais e da comunidade escolar em relação à educação integral;
- d) expor a forma diferenciada da avaliação integral;
- e) expor a compreensão da escola sobre educação integral;
- f) delimitação de ações e metas para as atividades integrais pedagógicas;
- g) o delineamento das disposições gerais do currículo integral;
- h) a divulgação e o detalhamento dos programas sociais e da legislação vigente;
- i) quais serão as formas de avaliar o funcionamento desta educação na escola;

Por ser uma ferramenta executora, o projeto pedagógico precisa delinear os princípios que a escola defende, estes apenas são aspectos norteadores elementares. Se a instituição é uma escola integral então, conseqüentemente, tem que descrever seus pensamentos, sua forma de avaliar, o desempenho das ações e a execução do planejamento.

A construção do projeto deve ser compartilhada e não apenas elaborada pela direção pedagógica. Os pais, os alunos, os professores, monitores e auxiliares devem contribuir, enriquecendo-o não somente teoricamente. Portanto sugere-se que, na reconstrução do projeto pedagógico da escola, haja uma reunião pública e aberta, para que todos os atores sociais tomem parte e partido.

À escola, espaço das relações integrais, indica-se a nomeação de um coordenador responsável pelo andamento da educação integral e para comunicar à direção sobre todas as atividades, procedimentos, resultados, conflitos e decisões.

Aos monitores seria essencial a capacitação, por meio da realização de oficinas pedagógicas mensais, auxílio no preparo de atividades e planos de aula. De modo que participem das reuniões pedagógicas, das coordenações e do planejamento curricular disciplinar.

Aos professores regentes, que possuem alunos atendidos pela educação integral, caberia a elaboração de um portfólio com as atividades que serão lecionadas nas aulas regulares, apresentando as dificuldades de aprendizagem e o perfil do aluno. Esta sistematização do trabalho seria dividida com os monitores.

Para a gestão compartilhada e avaliação institucional indica-se a criação de um relatório qualitativo. Isto é, questionários contínuos a serem distribuídos aos pais e monitores, com itens valorativos para as ações e espaço para relatar a rotina, as dificuldades, sugestões, críticas e ações pertinentes. Esta pesquisa seria divulgada nas reuniões de pais, a fim de demonstrar os índices de satisfação e influenciar o esboço das próximas ações.

Aos pais e à comunidade local, a divulgação de uma cartilha com os principais temas do projeto, demonstrando e tecendo o cumprimento do trabalho educacional. No intuito de conscientizar e fomentar a cobrança. Porque com esclarecimento é possível saber como, quando, onde e a quem cobrar.

A educação integral, por visionar a completude, compreende a extensão igualitária. Ou seja, não deve ser restringida a grupos, como ocorre na rotina da escola versada. Assim, por conseguinte, recomenda-se que as ações cubram todo o público infanto-juvenil da escola.

Para garantir as aprendizagens necessárias à vida, ao trabalho, à participação e à cidadania plena, é necessária uma combinação de diferentes tempos e espaços, sempre definidos pelos objetos de conhecimento, os sujeitos e o contexto em que vivem (GOUVEIA, 2006, p.84).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho final concebe a oportunidade de refletir sobre atitudes, amadurecer profissionalmente e perceber a dinâmica e o cotidiano da educação integral.

Poder experimentar e vivenciar situações desconhecidas e inimagináveis, ultrapassar os muros escolares, lidar com diferenças, reconhecer dificuldades mediante a prática é aprender a lidar com o novo, é reconstruir e desconstruir processos formativos.

Além de propor um espaço para a reflexão e para exercer a cidadania, a educação integral socializa, torna a educação um constante desafio. Na prática, mesmo com suas imperfeições, não deixa de se aperfeiçoar, pois ela se renova e reconstrói o cotidiano.

Profissionais dedicados, alunos motivados e constante reflexão impulsionam a realização de melhorias. Portanto, é necessário superar o modelo tradicional da escola, o processo descontextualizado do ensino, que não se associa às expectativas do educando.

A diversidade e a completude transformam o modo de agir e de constituir as ações. Assim, o objetivo aqui foi trazer contribuições pedagógicas e sociais ao contexto da educação integral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Da Educação**. 5 ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Centro de Documentação e Informação, 2010.

BRASIL. **Constituição (1988). Constituição da Republica Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 2010.

BRASIL. **Decreto n.º 29.501, de 10 de setembro de 2008**, Regulamenta a Lei Complementar nº 770, de 15 de julho de 2008, que instituiu o Programa Bolsa Universitária no âmbito do Governo do Distrito Federal, e dá outras providências. Diário Oficial do Distrito Federal , Brasília, DF, 2008.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Edição: 5. ed. rev. atual. Brasília : Câmara dos Deputados, Coordenação de Serviços Gráficos, 2006.

BRASIL. GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. SECRETARIA DE ESTADO EXTRAORDINÁRIA PARA A EDUCAÇÃO INTEGRAL. **Documento norteador para a construção coletiva das diretrizes para a educação integral no DF**. Brasília, 2009.

BRASIL. GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. SECRETARIA DE ESTADO EXTRAORDINÁRIA PARA A EDUCAÇÃO INTEGRAL. **Portaria nº01 de 27 de novembro de 2009**. Brasília, 2009.

BRASIL. GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. SECRETARIA DE ESTADO EXTRAORDINÁRIA PARA A EDUCAÇÃO INTEGRAL. **Educação integral: ampliando tempos, espaços e oportunidades educacionais**. Brasília, 2009.

BRASIL. **Lei Complementar n.º 770, de 15 de julho de 2008**, Institui o Programa Bolsa Universitária, nas modalidades que especifica, e dá outras providências. Diário Oficial do Distrito Federal. Brasília, DF, nº 205, 14 de out., 2008.

CARNEIRO, Vera Maria. **Educação do campo integral na perspectiva do semi-árido**. Bahia, 2007.

CAVALIÉRE, Ana Maria Villela. **Memórias das escolas de tempo integral do Rio de Janeiro (CIEPs): documentos e protagonistas**. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/017_ana_maria_vilella.pdf>. Acesso em 16 de junho de 2011.

COELHO, Lúcia Martha C. Costa. **História (s) da educação integral**. Em aberto / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Brasília, v. 22, n. 80, p. 65-81, abril, 2009.

EBOLI, Terezinha. **Uma experiência de educação integral: Centro Educacional Carneiro Ribeiro**. Bahia, 1969.

GONÇALVES, Antonio Sérgio. **Reflexões sobre educação integral e escola de tempo integral**. In: Cadernos Cenpec/Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária, Educação Integral, n. 2 (2006). São Paulo: CENPEC, 2006.

GOUVEIA, Maria Júlia Azevedo. **Educação integral com a infância e juventude**. In: Cadernos Cenpec/Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária, Educação Integral, n. 2 (2006). São Paulo: CENPEC, p. 77-85, 2006.

GUARÁ, Isa Maria F. Rosa. **Educação e desenvolvimento integral: articulando saberes na escola e além da escola**. Em aberto / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Brasília, v. 22, n. 80, p. 65-81, abril, 2009.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Série Mais Educação – Educação Integral, Texto Referência para o debate nacional**. Brasília, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cadfinal_educ_integral.pdf>. Acesso em 10 de junho de 2011.

PROJETO Político Pedagógico. Brasília, 2010.

TEIXEIRA, Anísio. **Centro Educacional Carneiro Ribeiro**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, v.31, n.73, jan./mar, p.78-84, 1959.

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Caminhos Futuros

O curso de pedagogia e as carreiras escolares muitas vezes são depreciados e desvalorizados socialmente. Mas em contrapartida, com ações socioeducativas e empenho, é possível notar a mudanças significativas na forma de fazer e aprender.

Ser pedagogo, ser educador ou ser professor, como queiram denominar, implica em uma busca constante de aperfeiçoamento, quebra de paradigmas e coragem. Coragem para alfabetizar, ensinar com esmero e motivar-se diariamente.

Porque é muito fácil criticar a realidade sem vivenciá-la, é fácil dizer que o aluno não aprende, que a escola não progride, o professor não ensina, que o governo não colabora, mas mais fácil ainda é se tornar conivente com a situação. Cúmplice da neutralização, da tradição, de achar que não tem mais jeito, que nada vai mudar, por já não ter disposição, pela estabilidade de ser servidor.

Educar, inicialmente, é abrir mão da estagnação, da derrota, da realidade financeira e de si mesmo. Porque educar implica em envolvimento e engajamento; em trabalhar ganhando pouco, ser ameaçado, freqüentar cidades perigosas, conviver com a pobreza, o descaso, a descrença, a violência e a não colaboração familiar.

Assim, depois de pensar em fatos da realidade, eu digo que vai valer à pena. Porque haverá milhares de sorrisos só para você, abraços apertados, cartinhas, lágrimas de agradecimento, brincadeiras, emoções, vivências compartilhadas, sonhos realizados, vidas modificadas. Existirá satisfação dos pais quanto ao trabalho, quanto à alfabetização de seus filhos, pela compreensão e apoio; por encontrar na escola um espaço possível de mudança e sucesso.

Por meio das mãos de quem educa é possível formar crianças, lutar contra violência, humanizar pessoas, construir sonhos, mudar governos, propor leis, reconstruir vidas, oferecer proteção e dignidade, recomeçar e refazer.

E ainda há quem não acredite neste trabalho, no ato de ensinar e ser ensinado, como ficar alheio a esta possibilidade? Se cada um tem um mestre dentro de si, é um professor e não percebeu? Ao se conviver com o outro, conseqüentemente o influenciemos e deixamos marcas. Quem vive educa, não é possível fugir disto. Quando repreende um filho, quando cria

amizades, quando é exortado pelos pais, quando se monta um quebra-cabeça, ao construir uma casa. Nas relações há um processo constante de aprendizado e ensino. Digo desta forma, que nunca deixarei de ser educadora, porque em todos os momentos da minha vida a educação estará presente.

Logo, sobre minha caminhada profissional, espero superar obstáculos e realizar sonhos. Superar o medo de não ser reconhecida, de falhar, de mudar e de me decepcionar. Aplicando tudo o que foi enfatizado aqui.

Como monitora entendi que cada aluno é único e especial, cada um tem um sonho, uma forma de aprender e de realizar seu aprender. A educação deve ser uma reflexão individual, no sentido de perceber as peculiaridades do sujeito e coletiva, no entendimento de que todos formam o perfil da comunidade.

Então valeu a pena passar por tudo isto, valeu à pena conhecer a Delsilene e receber seus abraços diários, ver a recuperação da Isabella perante suas dificuldades, ajudar a alfabetização da Jaqueline, perceber que a Marta reconheceu as cores, perder o medo em relação à Síndrome de Down, entender o mundo dos autistas com as histórias do Eduardo. Ajudar a Maria do Rosário nas suas refeições e inseri-la nas brincadeiras, demonstrando que a cadeira de rodas não era um empecilho.

No rosto de cada aluno eu realizei uma satisfação, mas não minha. Eu, na verdade, como educadora, me tornei mais humana ao trocar minhas vontades pela realização dos sonhos dos alunos, esta foi a maior vitória. Se o melhor exemplo de amor é em relação à figura materna, eu agradeço a todos os alunos que um dia me chamaram de “mãe”!